



O Camabarro

TUDO PELA LIBERDADE

ANNO X

DIRECTOR — PAULINO VARES

N. 765

REPÚBLICA O. DO URUGUAY

RIVERA, 7 DE JULHO DE 1895.

DE LUTO!

Brazil, oh! maldadada patria, que cruel fatalidade é esta que te acompanha?! Que ave negra e agourenta é esta que pensa no teu devastado solo?! Porque vão cahindo, assim, um á um, os teus mais dilectos filhos, os teus mais dedicados, fieis e constantes servidores?!
Que gritos lancinantes de dor e desespero são estes que repercutem do extremo norte aos confins do sul? Que crepe intenso é esse que se estende por todos os recantos da terra de Santa Cruz? Que magoa profunda é essa que acabrunha o coração e perturba a serenidade do espirito dos filhos do colosso americano?

Foi Saldanha da Gama que com uma bala de revolver cortou o fio de sua existencia, respondendo os olhos das matas virgens do Quarahy! Foi um astro da nossa grandeza que se apagou, murmura a corrente do rio em cujas proximidades tombou o Leão do mar!

Sim! Foi Saldanha da Gama que cahio heroico n'um recanto da terra rio-grandense, elevando bem alto o estandarte sacrosanto da liberdade; foi Saldanha da Gama que succumbiu por suas proprias mãos, porque preferio a morte á deshonra, porque mu heroe como elle não podia voltar as costas ao inimigo em vertiginosa fuga, porque entendeu no seu elevado criterio que aonde morriam seus patriotas elle devia morrer tambem.

Não fugio como os covardes; não abandonou os seus soldados nas horas extremas do desespero, nos momentos criticos e angustiosos em que, pela frente, se encara a morte e pela retaguarda se conta com o caminho do opprobrio e da deshonra; um general como elle não se rende, não se entrega, não desampara seu posto, não implora a compaixão do inimigo; succumbe gloriosamente, atravessa o peito com uma bala, mas passa á immortalidade como um martyr ou um heroe, provocando o respeito e a veneração da geração presente e attendo ás vindouras que o suicidio é muitas vezes o caminho da nobreza e da dignidade.

Morrer assim, quando se prefere a morte á ignominia, é passar deste mundo de chimera e illusões para o grande mansão que a historia tem reservado aos seus benemeritos; Saldanha da Gama penetra nos humbraes da eternidade, mas fica registrado na historia universal que elle morreu gloriosamente e cahio como só sabem cahir os bravos, os homens pundonorosos que honram os bordados de uma farda de almirante.

Saldanha da Gama — a nobreza personificada — foi grande, nobre, activo e sublime até o derradeiro momento de sua vida; foi grande, porque cresceu na admiração e na veneração do mundo; foi nobre e activo, porque succumbiu como um homem de fibra e um organismo de aço; foi sublime, porque completou o seu martyrologio em prol da liberdade, fazendo mortalha do estandarte sacrosanto que tão alto elevou e ensopando no seu sangue fecundante a bandeira generosa que tremula ostentando á face da America e do mundo a bravura dos defensores da democracia e dos direitos de um povo subjogado e opprimido.

Hoje, somos somente nós, os repudiados da patria, os banidos do nosso proprio solo, os que, com as lagrimas a nos rolar pelas faces, estamos pranteando o tragico fim do mallogrado e esquecivel marinheiro que nos veio espontaneamente offerrecer o concurso inestimavel do seu talento e da sua espada para a victoria dos bons principios e da sagrada causa que defendemos; amanha, quando a calmaria houver succedido á esta medonha tempestade e quando adormecerem as irrequietas paixões, é que todos os brasileiros hão de reconhecer a joia que perderam, o compatriota illustre que a morte lhes roubou.

A dor que hoje nos dilacera o coração é a mesma que hão de experimentar, amanha, os degenerados brasileiros que se salvaram da medonha catastrophe que abala actualmente o gigante da America do Sul; quando a patria estiver nos paroxismo da morte; quando ella, nos seus ultimos vagidos de desespero, exigir a presença destes filhos benemeritos e illustres que vão succumbindo e os unicos capazes de por ella fazer um sacrificio, é que essa mesma patria ha de cobrir de eterna maldição aos provocadores de suas desgraças e infortúnios.

Hoje, em torpe bacchanal e desenfreada orgia, tripudiam eynicamente sobre o cadaver ainda quente de um brasileiro emérito e patriota, de uma gloria da armada e da patria brasileira; hoje, nas festas, as salvas de artilharia, as bandas de musica, o toque dos clarins e os fogos de bengala em regosijo á mutilação do cadaver do bravo e intemerato general em chefe do Exército Libertador; amanha, os hymnos festivos em honra ao massacre de brasileiros, serão as notas entristecidas e lugubres que lhes provocarão o remorso e lhes infligirão á consciencia o mais tremendo castigo.

Soldado da Gama, quaesquer que fossem suas opiniões, era um dos mais illustres e notáveis brasileiros, a reliquia de uma classe, uma gloria da nossa nacionalidade; a sua memoria merece respeito, as suas cinzas despertam veneração e a sua acção heroica, suicidando-se para não capitular, devia merecer os applausos de todos os brasileiros e especialmente dos que não sabem honrar, como elle honrou e fez brillar, a blusa do soldado brasileiro.

Oxalá, sonhessem todos imitar este nobilissimo exemplo fornecido pelo intemerato e glorioso almirante; oxalá, tivessem todos os brasileiros a preciza hombridade para cahirem tão digna e altivamente como cahio o denodado almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

Neste momento de supremas angustias somos interpretes fieis de todos os nossos correligionarios consagrando todos os esforços de nossa obscura mentalidade, á veneração das cinzas ainda quentes desse brasileiro emérito que acaba de cahir victimado por suas proprias mãos e obedecendo ás suggestões da sua consciencia calma, do seu valor nunca desmentido e da sua honra nunca manchada; é possivel tambem que a patria, alagada e opprimida, esteja commosco chorando a perda de tão benemerito filho, de tão extrenno batalhador em prol da reivindicacão de seus direitos e liberdades.

Ajoelhemo-nos contritos e reverentes ante o altar sagrado da patria e derramemos á memoria do excelso e preclaro brasileiro Luiz F. de Saldanha da Gama as lagrimas sinceras provocadas pelo seu desaparecimento deste mundo ingrato o prenhe de illusões.

Rodolpho Costa

Oxalá, sonhessem todos imitar este nobilissimo exemplo fornecido pelo intemerato e glorioso almirante; oxalá, tivessem todos os brasileiros a preciza hombridade para cahirem tão digna e altivamente como cahio o denodado almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

Neste momento de supremas angustias somos interpretes fieis de todos os nossos correligionarios consagrando todos os esforços de nossa obscura mentalidade, á veneração das cinzas ainda quentes desse brasileiro emérito que acaba de cahir victimado por suas proprias mãos e obedecendo ás suggestões da sua consciencia calma, do seu valor nunca desmentido e da sua honra nunca manchada; é possivel tambem que a patria, alagada e opprimida, esteja commosco chorando a perda de tão benemerito filho, de tão extrenno batalhador em prol da reivindicacão de seus direitos e liberdades.

Ajoelhemo-nos contritos e reverentes ante o altar sagrado da patria e derramemos á memoria do excelso e preclaro brasileiro Luiz F. de Saldanha da Gama as lagrimas sinceras provocadas pelo seu desaparecimento deste mundo ingrato o prenhe de illusões.

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

Rodolpho Costa

CATÃO

Dizem que a soldadesca, desvariada e vil, mergulhava a espada no cadaver ainda quente do Almirante, para mostrar aos que chegavam, aos que se agrupavam em torno daquelle corpo inanimado, o sangue azul que elle tinha...

Raça desprezível e sordida, bandidos á João Francisco, o sangue azul não o podéis ver; tolda a vossa visão a consciencia negra dos crimes. Bandidos de fronteira, acotados da fome, sabeis por acaso o que vem a ser isso, o sangue azul?

Não vistes se elle corria das feridas que leia abrindo em seu cadaver, não vistes; mas ficai certos que elle o tinha.

Esse sangue azul, porém, não circula nas arterias onde a morte o havia de coagular; esse sangue azul não mancha espadas de assassinos, esse sangue azul não se derrama pela terra que tambem fecunda.

Não miseráveis; o sangue azul corre em veias que as vossas armas não cortam, pulsa em organismos que não soffrem immundades fermentações, gera-se no contacto dos homens com a sociedade, crystallisa-se no cerebro de cada individuo, recebe a luz divina da historia e reflecte estímulos á posteridade.

Não o podéis ver e sabeis ainda porque? Porque entre os homens de sangue azul e a plebe abjecta e assalariada, entre elle e vós, ha uma distancia tão grande, um abysmo tão extenso, que a morte, a propria morte que a todos nivella, não approxima jámais!

Ter sangue azul é ser nobre, é ter caracter, é ter valor; é ser se como elle foi, o ponto de concentraçã de todas essas virtudes, é eleva-las como elle elevou as á quinta-essencia, abrindo com uma bala as portas largas da eternidade.

Ter sangue azul é ser assim: E ter a noção mais nitida, mais preciza e mais exacta do livre arbitrio, para preferir a morte á deshonra, abraçar-se com ella antes de confundir-se comvosco, vanguardeiros do exterminio.

Ter sangue azul é ser como Catão, esse romano immortal que passa de seculo á seculo como o typo do civismo humano; é ser como Catão que na hora suprema das supremas resoluções, empunha o gladio tantas vezes triumphante e repete convicto: *Ainda sou senhor do meu destino!*

Ter sangue azul é ser como Adrião Patry, o hollandez notavel, que vencido nas aguas do Pernambuco, se enrola na bandeira de sua nação, precipita-se de seu navio desarvorado ao mar negro e profundo, bradando com força, para dominar seus bramidos, para fazel o callar ante tanta bravura: *O oceano é o unico tumulo digno de um almirante bataco!*

Ter sangue azul... Para que dizer mais?

Ter sangue azul é ser como o almirante Luiz F. de Saldanha da Gama, regeitar a salvaçã que se lhe offerrecia na fuga, reservar para si o ultimo tiro de seu revolver e dizer como um patriarca: *Onde morrem os meus filhos, eu deo morrer tambem!*

Sim, elle tinha sangue azul, tudo nolo revela, tudo nolo confirma...

E podiamos não o estar pranteando! E podiamos dispensar estes hymnos que cantamos em seu louvor! E podiamos estar a ouvir-o narrando todo aquelle heroismo ali batalhado, se não fosse esse sangue azul que provoca o riso aguardentado da turba vermelha dos desamparados da honra.

Elle podia ter fugido; elle podia ter-seo rendido...

Mas, não! Se pensalo é um crime, desejalo é uma blasphemia, lamentalo uma profanação.

Os covardes são os que fogem e fogem tambem os que com mandam assalariados a quem pouco importa o cadaver dos que tombam com gloria; fogem ainda os mercenarios que salvando a vida têm salvo o soldo; fogem os que defendem a tyrannia o fogem os que combatem sem ideal... Elle não podia fugir.

Render-se? Rende-se o soldado que tem queimado o ultimo cartucho ante um inimigo generoso e nobre; rende-se um general vencido ao general vencedor, quando ambos são dignos, quando um e outro illuminam as causas que pleiteiam. Elle não podia render-se... Render-se á assassinos, abater sua espada em presença de salteadores!

Rendem-se os do Desterro ante a generosidade do Lorena; rendem-se os da Lapa e das Tijucas ante a bravura inextinguivel de Gomerindo; rendem-se os de Baptista á intrepidez de Casbida; rendem-se os do Rio Negro á venerabilidade do Joca Tavares.

Fogem... Não devemos dizer os que fogem. Elles vostem ainda neste momento a farda que não dignificaram; elles legislam no parlamento, fazem leis que devem ser cumpridas, que devem ser respeitadas.

O almirante não devia fugir; Saldanha da Gama não podia render-se; não podia, que o sangue azul lhe detinha, esse sangue azul que não puderam ver os guillotinaes do brio.

Render-se, seria ter vivido mais um minuto entro aquella gente baixa e ebria; seria ouvir-lhes a falla rouca e obscena; seria sentir-lhes o contacto frio e repellente; seria prolongar a sua agonía, vendosse espolar em vida pelos mais degradantes expoliadores de cadaveres!

Elle, o Almirante, não podia se render e não podia fugir; prendia-lhe os pés esse sangue azul que elle tinha, esse sangue azul que ha de illustrar a patria, que de joelhos soluça pelo filho amado que morren; que ha de illustrar o Rio Grande que elle tentou libertar, o Rio Grande que na hora angusta do triumpho, armado com a espada indelivel da justiça, sacrificará em sua memoria immaculada a condemnação fatal dos bastardos crueis que o degollaram morto.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

Ignacio Camargo.

UM HERÓE

Que dias angustiosos para a patria são os que passamos!

De um lado só se ouve o grito de alegria de ferozes vencedores que, esquecidos que seus proprios irmãos, são os seus despojos de victoria tripudiam sobre o cadaver de suas victimas!

De outro lado a angustiada patria, que pende a fronte enov brevida por um passado glorioso, diante de um presente tão cheio de crimes e amarguras.

Hontem era o nobre Barão de Batovy, alma impoluta, coração generoso, filho dilecto do Brazil, que cahia victima do punhal do sicario assalariado á mais indigna das tyrannias!

Hoje é o grande Saldanha da Gama, o Nelson brasileiro, o valente luctador das nobres causas que, qual jiquitibá activo das nossas florestas, cah abatido aos golpes destes ceifadores do nossas glorias; desta cohorte que nada respeita, nem glorias, nem vida, nem mesmo a honra da patria!

No dia 24 de Junho morreu nos campos do Quarahy o grande almirante LUIZ FELIPE DE SALDANHA DA GAMA; a phalanx angusta dos libertadores da patria perden o seu chefe militar, a marinha brasileira seu mais illustre almirante, a patria um dos seus filhos mais dilectos!

Ha individualidades que nunca deviam estar sujeitas a estas leis factaes da natureza humana, que nunca deviam morrer porque ellas representam uma epocha gloriosa, o parece-nos que ficam ellas offuscadas com o desaparecimento do numero dos vivos.

A de SALDANHA DA GAMA era uma dellas. Como soldado servio sempre lealmente a sua patria; honrando sempre aquelles bordados de sua farda adquiridos a custa de uma vida gloriosa, como a do cavalleiro de Bayard, sans peur et sans reproche.

SALDANHA DA GAMA

Já não existe o nosso chefe amado !
Já não existe o nobre marinheiro !
Já não existe o heróe que foi tallado
Para salvar o povo brasileiro !

Já não existe o altivo patriota !
Já não existe o nobre marinheiro !
E os olhos da Patria vertem lagrimas
Que cahem sobre o povo brasileiro !

Oh ! filhos do Brazil ! leaões aos olhos !
Pois temos que chorar amargamente !
Lamentemos a morte de um patriota
Que morreu pela Patria, heroicamente !

Oh ! filhos do Brazil ! vistam de negro
Que temos que trajar todos de luto !
Rendendo uma homenagem de respeito
Ao heróe dos heróes — justo tributo !

Qual será o brasileiro que não sinta
De pezar e de dor a alma estalar ? !
Chorem, pois, que a deusa Liberdade
Vem connosco também a soluçar !

Oh ! filhos do Brazil ! vamos chorar
Derramemos o pranto em quantidade !
Que depois esse pranto vá banhar
A Deusa divinal da Liberdade !

Já não existe o nosso chefe amado !
Já não existe o nobre marinheiro !
Já não existe o heróe que foi tallado
Para salvar o povo brasileiro !

Chora, chora minha musa
E redobra a inspiração !
Para expressar o tormento
E o tão cruel soffrimento
Que tenho no coração !

Chorem, chorem brasileiros
Que o pranto nunca faz mal !
O nosso pranto é um tributo —
Men Dens ! que pesado luto
Na marinha nacional !

Já não existe quem tanto batalhou !
Já não existe o nobre brasileiro !
Bem dita seja a terra aonde tombou
O vulto do arrojado marinheiro !

E vós... ó miseráveis castilhistas
De joelhos como réos ! não ha perdão,
Que vai passar o vulto de Saldanha
Que os despreza e vos lança a maldição !

ARBUES ALVARES.

Infames !

Terça-feira, 25 do passado, fomos dispersados pelo tronar da artilharia castilhistas que povoa San'Anna do Livramento, e pelos estampidos das bombas de dinamite que incessantemente repercutiam pelo espaço, secundadas pelos festivos concertos das musicas marteais e infrene veseria que alarmava as ruas da vizinha cidade !

Averiguados os factos e detalhadas as circumstancias que motivaram semelhante algazarra, chegou-se a conclusão de que os castilhistas festejavam a derrota e morte do Contra-Almirante Saldanha da Gama, degolado depois de morto e mutilado pela gente da legalidade ao mando do General Hypolito e do facinoroso João Francisco Pereira, e que se banquetevam sobre os destroços da victima, como os barbaros dos tempos idos, para não desmentirem ainda uma vez, os instinctos perversos dos conquistadores do Rio Grande !

Mas, espectaculosa victoria, ridicula e vergonhosa manifestação ! O general Saldanha havia dispersado a maior parte da sua gente ficando somente com trezentos e vinte homens da infantaria, quando foi atacado por Azambuja e João Francisco com uma columna de quasi dois mil homens. Ainda assim o valente General occupou o seu posto com inextinguível bravura, fazendo rechazar repetidas vezes as cargas dos servos de Castilhos, abrindo claros enormes em suas fileiras e demonstrando lhes quanto póde o hrio, a dignidade, e o patriotismo dos que se batem pela mais nobre de todas as causas — a causa da liberdade contra a tyrannia !

E, o exercito brasileiro, ou a parte delle que está ás ordens de Castilhos, consente, sendo fomenta essas vergonhosas manifestações perante uma culta Nação estrangeira que es contempla envergonhada !

O exercito deve estar de parabens ! A Esquadra brasileira deve regozijar de prazer !

Mais um general, mais uma gloria da Nação é immolada as farias sanguinarias de Julio de Castilho ; mais uma farda bordada, symbolo da dignidade nacional, é rota pela faca assassina

dos dominadores do Rio Grande e arrastada pelas ruas publicas do Livramento como trophéus dos bandidos demolidores da legalidade !

Esse procedimento é digno de tal gente !

Os brasileiros se despediram em uma luta tremenda, para retomarem a liberdade que lhes foi roubada, a propriedade que lhes foi extorquida, o lar que lhes foi transado, e os castilhistas folgaram e riem sobre os cadaveres ainda quentes de seus irmãos, fazendo ecoar a artilharia como em dias de regosijo nacional...

Entretanto, o vulto heroico que succumbiu ao peso de sua altiva dignidade e nobresa militar, era uma das primeiras patentes da denodada marinha brasileira, que o idolatrava pelo muito que a havia enaltecido e honrado ; era uma gloria brasileira reconhecida no paiz e fóra delle !

A Nação cobresse de luto ; mas, o bando castilhista levanta hymnos de gloria e faz vomitar pelos canhões destinados a defeza da Nação, o fumo negro da infamia que vem tisanar o infeliz pavilhão de nossa querida patria, que tão gallhardamente sabia exemplificar a liberdade sul-americana !

E, os portadores de alas patentes do exercito, que são senhores de barão e conde na cidade do Livramento, consentem e applaudem essa selvagem demonstração de regosijo, e o commandante da Guarnição faculta salas para bailes, sem que os destroços da nobilissima farda de general da Armada brasileira, que foi rotacohardamente pela faca mil vezes infamada do castilhismo, lhes despertem, ao menos, aquelle amor de classe outrora erguido em favor de Madureira e Benjamin Constant, e sem que os centenares de cadaveres dos nossos irmãos de uma e outra parcialidade, que juncam as margens do Quarahy lhes inspire, ao menos, o respeito e a veneração que instinctivamente tributamos aos mortos !

Seria muitissimo triste, se não fosse estupidamente — infame !

Riam, miseráveis delapidadores da fortuna publica, enquanto a patria estremece de dor !

Banqueteem-se sobre os cadaveres ainda palpitantes dos nossos irmãos. Arrastem pelas ruas publicas toda a dignidade nacional sustentada por nossos antepassados ; velipendiem a Nação brasileira e abatem as tradições rio-grandenses até os muros da canalha armaceira, que não está longe o dia da vendicta publica.

O povo rio-grandense pode ter o seu 14 de Julho.

O imperio das despotas, dos assassinos e ladrões não é de longa duração ; a historia nos exemplifica desde os Cesares romanos até os Rosas e Lopes Americanos.

A liberdade não se anniquilla nem morre por mais que a queiram soffocar ; é um sentimento intimo identificado com o nosso eu, á cuja defeza somos impellidos tão naturalmente como se defendessemos a nossa propria existencia, porque é a nossa vida, a nossa familia, a nossa fortuna, a nossa patria, a que ella mais interessa como o supremo direito da propria conservação.

Riam, miseráveis, banquetem-se sobre os destroçados cadaveres d'esses martyres da liberdade, que o negro fumo que tizesteis vomitar os canhões outrora destinados a defender a autonomia e dignidade da patria, ainda hade marcar-vos as macilentas frentes com o aviltante estigma de brasileiros desnaturados, assassinos e ladrões da Nação brasileira.

Os estampidos das bombas que fizesteis estrugir pelos ares, ainda ecoará em vossos ouvidos confundindo-se com o lamento das viuas desamparadas e dos miserandos orphãos imbuídos a caridade publica, ao mesmo tempo que cada um archote que prendeste na infamante manifestação, vos representará um vulto heroico dos rio-grandenses altivos que dignamente succumbiram na defeza dos seus mais sagrados direitos !

Riam, desgraçados ! insultem o cadaver e a memoria dos martyres da liberdade, que sobre o venerando tumulo do benemerito brasileiro Saldanha da Gama e do nunca olvidado Gomerindo Saraiva, se hão de levantar, não esbirros assalariados do thezouro publico para deprimirem o caracter e dignidade nacional, mas, cohortes enormes de verdadeiros paladinos, que inscreveram o seu nome nas paginas douradas da nossa historia patria, que tratais de chafurdar nos esterquilinos.

A revolução não está morta porque a liberdade não morre !

Sentimos, pranteamos dolorosamente o desaparecimento de um chefe illustre, que constituia um gloria nacional, mas, por isso mesmo, empre-nos redobrar de esforços para conseguir a nossa liberdade, e a verdadeira autonomia do Rio Grande : é uma divida sagrada que contrahimos para connosco, e para com a patria, em homenagem aos nossos direitos, a dignidade Sul-Americana, e aos dignos martyres que vão tombando na cruenta lucta.

Os revolucionarios operam no Estado rio-grandense, em todos os pontos, até as portas do reducto capital do castilhismo.

A victoria hade ser nossa, porque assim o determina a lei facal da liberdade contra o despotismo, da moralidade publica contra a corrupção dos povos.

Quando o sol benéfico da liberdade dourar as vastas campinas do altivo Estado rio-grandense, vós, miseráveis assalariados da tyrannia, degradados filhos de uma legalidade bastarda, fugireis, não corridos por vossos irmãos, mas esmagados pela propria consciencia que vos bradará : **INFAMES !**

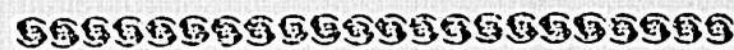
Manifestações de pezar

LISBOA, 26. — Tem sido muito sentida a morte do almirante Saldanha da Gama.

LISBOA, 27. — A morte de Saldanha da Gama produziu emoção geral nesta capital.

RIO, 26. — O *Paiz*, órgão florianista, expôz esta tarde em sua galeria o retrato de João Francisco como vencedor de Saldanha. Esta inoportuna provocação promoveu indignação e o capitão Orozimbo Barreto, quebrando os vidros da galeria, rompeno retrato de João Francisco. Numerosa massa popular achayva se presente e applaudo entusiasticamente esse procedimento do capitão Barreto.

MONTEVIDEO, Julho 2. — AO CANABARRO. — Internuncio Apostolico Rio mandou celebrar solennes exequias homenagem memoria Saldanha. Subscripção gastos monumento attinge já 50 contos. — (*Corresp.*)



DEPOIS DO COMBATE

Custa acreditar nas revelações que nos foram feitas á respeito do estado em que foram encontrados os cadaveres dos bravos companheiros gloriosamente mortos no ataque de 24 de Junho.

Mas acreditamos piamente, porque sabemos a que classe de gente pertence esta que fôrma as *incruentis hostes* de castilhismo, denominada de *patriotas* ; sabemos que são capazes de todas as infamias e de todos os crimes e o que vamos narrar mostra claramente que tudo quanto temos dito das atrocidades commettidas pelo bando sinistro dos defensores da *legalidade*, fica ainda longe da verdade, que tudo quanto temos escripto denunciando, condemnando e verberando tão monstruosas acções, fica ainda longe e muito aquem do necessario.

Retiradas as forças governistas do campo onde se ferio o ataque de 24, percorreram aquelle local sinistro varios companheiros nossos e também pessoas completamente alheias ás luctas politicas do Rio Grande, pessoas acima de qualquer suspeição e que fizeram-nos a descripção seguinte :

No recinto fortificado existiam 43 cadaveres e um pouco distante, na costa do Quarahy, mais dois outros. Entre os primeiros achavam-se os dos bravos e destemidos officiaes cujos nomes já temos publicado. Todos os cadaveres foram sepultados pelos nossos companheiros.

Todos os corpos estavam degollados e muitos d'esses degollamentos foram feitos pela nuca. Todos estavam nus, completamente nus, despojados pelos famintos e covardes assalariados do castilhismo.

Aquelles que tinham sido officiaes, que honraram até o ultimo momento a farda que vestiam, estes estavam horrorosamente mutilados : cortaram-lhes as orelhas, furaram-lhes os olhos, partiram-lhes os dentes, retalharam-lhes as cabeças, fizeram muito mais, fizeram coisas que não podemos do-rever, que sentimos repugnancia em narrar.

Por mais que procurassem, não descobrimos o cadaver do almirante Saldanha da Gama; reconhecer-se porém as camisas de lã que usava e também o seu chapéu ; este estava todo cheio de talhos e as camisas todas furadas e manchadas de sangue, deixa perceber junto as gollas pelos cortes que tem, vestigios incontestaveis de que também o almirante fôra degollado.

Esses tres objectos, unicas reliquias do illustre morto, estão em poder do nosso distincto companheiro tenente-coronel Chiquinote e talvez em poder da commissão encarregada do transporte de seu cadaver no momento que escrevemos estas linhas.

A MORTE DO TYRANNO !

(Boletim distribuido na noite de 30 de Junho)

Publicamos em seguida o telegramma que nos vem annunciar a morte do marechal Floriano Peixoto, ex-presidente da Republica Brasileira, a quella a quem devemos a situação excepcional em que se encontra o grande paiz Sul-Americano.

O momento não é opportuno para soltarmos nossa penna de accordo com o turbilhão de pensamentos que agora nos accodem ; temos a nobresa bastante para callarmos na presença de um tumulo que se abre.

O marechal Floriano pertence a historia e esta ha de julgalo com justiça e equidade.

Eis o telegramma :

MONTEVIDEO, 30 (*á noite*) — Morte Floriano causa desordens Rio. Povo ruas vivas Saldanha, abaixo Floriano. Lucta Jacobinos, muitos feridos.

As festas de hontem foram as primeiras notas dos funeraes de hoje ! Emmudeci, canhaas !

O CANABARRO

Edição especial

Tiragem : MIL exemplares

NUMERO AVULSO, - 20 CENTESSIMOS

OS PEDIDOS DEVEM VIR ACOMPANHADOS DA IMPORTANCIA